

PSEUDOMUTUALIDADE, LEALDADE E POSIÇÃO DO NASCIMENTO: FENÔMENOS RELACIONAIS FAMILIARES QUE PODEM FAZER ADOECER

Jussara Hoffmann Cardozo

Psicóloga graduada pelo Centro Universitário São José de Itaperuna
(UNIFSJ), jussarahoffmann@hotmail.com

Ieda Tinoco Boechat

Mestre do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem
(Uenf), iedatboechat@hotmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza

Coordenador do Programa de Pós-Graduação de Doutorado e Mestrado em Cognição e
Linguagem (Uenf), chmsouza@gmail.com

Fernanda Castro Manhães

Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem
(Uenf), castromanhaes@gmail.com

Resumo: As relações familiares são o ponto de motivação do artigo. Essas relações, a depender de como se dão, podem provocar o adoecimento mental de membros da família. É sobre este tema que discorrerá o artigo, ao considerar a lealdade, a pseudomutualidade e a posição de nascimento dos filhos na família. Baseado em pesquisa bibliográfica, o estudo aponta que a criança pode ser uma vítima das relações familiares, em que tais fenômenos se impõem intensa e rigidamente, entretanto, ao atingir certa autonomia, ela poderá vivenciar uma relação de trocas mutuais e buscar sua identidade, adequando a lealdade familiar a seus interesses pessoais, como fez a protagonista do filme *Como água para chocolate*, de Arau (1992), que ilustra a discussão.

Palavras-chave: Família. Adoecimento. Divergência. Legado.

Abstract: Family relations are the motivational point of the article. These relationships, depending on how they occur, can lead to the mental illness of family members. This article discusses the loyalty, pseudomutuality and birth position of the children in the family. Based on a bibliographical research, the study indicates that the child can be a victim of family relations, in which such phenomena are imposed intensely and rigidly, however, when reaching a certain autonomy, it may experience a relationship of mutual exchanges and seek their identity, adjusting The family's loyalty to her personal interests, as did the protagonist of Arau's 1992 film *How Water for Chocolate*, which illustrates the discussion.

Keywords: Family. Adoecimento. Divergence. Legacy.

Introdução

O presente artigo tem por tema aspectos específicos das relações interpessoais na família que afetam a saúde dos filhos pequenos. Tem, assim, por objetivo geral, estudar aspectos das relações interpessoais no contexto familiar que podem interferir negativamente na qualidade de vida dos filhos, podendo causar adoecimento.

Este estudo problematiza a seguinte questão: A criança pode ser considerada uma vítima de um contexto de relações familiares pseudomutuais e de forte lealdade familiar, sendo observada, ainda, a ordem de nascimento em seu contexto interacional familiar? A fim de encontrar subsídios teóricos que embasem respostas para esta questão, o trabalho busca definir família segundo a Teoria Sistêmica, descrever as relações pseudomutuais entre os membros da família, discorrer sobre a lealdade familiar, explanar acerca da posição dos filhos na família, bem como ilustrar os fenômenos relacionais expostos com a história familiar de Tita no filme *Como água para chocolate*, de Arau (1992).

A criança apresenta alterações de comportamento e, muitas vezes, o que ela vivencia em família não ganha expressão, como se ela fosse a única responsável pelo seu comportamento “inadequado”. Seus pais ou cuidadores, por seu turno, podem não perceber que seu comportamento pode acentuar ou mesmo produzir a “inadequação” do comportamento infantil. A relevância desse estudo recai, assim, sobre a importância de se incluir os aspectos relacionais mencionados nesta pesquisa na investigação do comportamento disfuncional da criança, a fim de se evitar ou minimizar seu adoecimento, ao menos no que concerne a tais aspectos.

Cabe salientar que a pseudomutualidade, a lealdade familiar e a posição de nascimento dos filhos são fenômenos relacionais escolhidos para fins de estudo no trabalho que ora se apresenta, dentre tantos outros mais, igualmente relevantes para se compreender uma dinâmica familiar que pode se apresentar patológica e patogênica.

A metodologia utilizada nessa pesquisa de natureza qualitativa é a pesquisa bibliográfica, a partir da contribuição de autores como Moises Groisman; Monica Lobo e Regina Cavour (2013); Ivan Boszormenyi-Nagy e Geraldini Spark (1983);

Gregory Bateson (1980); Vera Lucia Lamanno Calil (1987).

A família na visão sistêmica

Desde o nascimento, inicia-se um aprendizado que acompanha o indivíduo por muitos anos, aprendizado esse que acontece dentro da família. É a família quem conduz e orienta seus filhos, totalmente dependentes no início da vida. Ao nascerem, segundo Groisman, Lobo e Cavour (2013), eles já encontram muitas expectativas para atenderem, que são os projetos das gerações que os precederam.

Conceituar família na perspectiva sistêmica, consoante Calil (1987), com base na Teoria Geral dos Sistemas de Von Bertalanffy, implica considerar família

[...] como um sistema aberto devido ao movimento de seus membros *dentro e fora* de uma interação uns com os outros e seus sistemas extrafamiliares (ambiente – comunidade), num fluxo recíproco constante de informação, energia e material. A família tende também a funcionar como um sistema total. As ações e comportamentos de um dos membros *influenciam* e simultaneamente são *influenciados* pelos comportamentos de todos os outros. (CALIL, 1987, p. 17, grifos da autora).

O conceito acima citado remete à necessidade de explicitar certas propriedades dos sistemas abertos que são importantes para se compreender a dinâmica familiar, que, segundo Calil (1987), são: 1) a globalidade, que, como o próprio nome já diz, por estarem todos os membros interligados de forma coesa e interdependente, uma mudança ocorrendo em uma pessoa da família, automaticamente acontecerá nas outras, logo, no sistema total; 2) a retroalimentação ou *feedback*, conforme a qual os componentes interagem através de uma relação circular, isto é, o comportamento de um deles induz ou é induzido pelo comportamento dos outros; 3) a circularidade, que se opõe à ideia de causalidade linear: os membros da família movem-se juntos, não havendo uma ordem nítida de causa e efeito, então, o início de um problema não começa em alguma pessoa e nem finaliza em outra.

Nesse contexto, portanto, é inadequado a família atribuir ao membro sintomático a culpa ou o fardo de ser o único responsável por “seu” problema. A pessoa adoecida ou o membro sintomático é, segundo Calil (1987, p.17), “[...] apenas um representante circunstancial de alguma disfunção no sistema familiar”. Dessa forma, prossegue a autora, para o modelo sistêmico, o distúrbio mental

expressa a inadequação de padrões de interação dentro da família.

Desse modo, para Calil (1987), apoiando-se nos estudos de Bateson, toda família interage à semelhança de um sistema homeostático, com sua organização e previsibilidade garantidas por uma sequência padronizada e repetitiva de comportamentos, geridos por regras, que podem ser verbalizadas ou inferidas, às quais os componentes da família devem seguir, sabendo o que é ou não permitido. De acordo com Groisman, Lobo e Cavour (2013), através de projeções geracionais, a família delega ao(s) filho(s) questões que não foram resolvidas pela família nuclear nem pelas famílias de origem, trazendo para estes sentimentos de fracasso ao não cumprimento das expectativas, que podem interferir nas áreas emocionais, comportamentais, fisiológicas e cognitivas.

Dentro da família, para o crescimento das pessoas como tais, é necessário o relacionamento satisfatório entre seus membros. Mas, muitas vezes, estes quase não se relacionam ou se relacionam de forma “doentia”, trazendo sérios danos a alguns ou a todos os familiares. Dependendo da forma como a família se relaciona, ou seja, em função de como seus membros interagem entre si, mantêm-se padrões de comportamento que estão enraizados ao longo de gerações e, muitas vezes, são proibidos de serem mudados ou mesmo questionados.

Assim, um membro da família, pode ter que desempenhar um papel apresentado pela família e aceito, de certa forma, por ele. Nesse caso, afirmam Groisman, Lobo e Cavour (2013), ele pode adoecer, se perceber-se impossibilitado de cumprir a missão que lhe foi designada, levando-o a uma sintomatologia.

O modelo sistêmico valoriza, assim, a estrutura familiar, a comunicação e a interação dentro e fora da família, bem como os processos de mudança que o sistema familiar experimenta. Nele, encontram-se formas de atuação terapêutica, que representam a abordagem sistêmica direcionada às famílias.

Segundo Calil (1987), a Escola Estrutural enfatiza a qualidade das fronteiras e tem por objetivo modificar as características das fronteiras do sistema familiar ou de modificar o relacionamento hierárquico entre seus membros, reesquematizando a organização familiar. A Escola Estratégia Breve, enfatizando os padrões de comunicação e de interação, busca saber como eles definem relacionamentos humanos. Por sua vez, o Grupo de Milão destaca o paradoxo básico existente nas famílias: todos os membros dependem de relacionamentos íntimos uns com os outros e de padrões estáveis de interação, mas, ao mesmo tempo, esses

relacionamentos estão sempre se modificando, gerando o dilema mudar/não mudar.

A aplicação de tais estudos é de grande relevância, uma vez que a mudança de padrões relacionais que estruturam relações familiares, tão necessária à adaptação da família às novas situações, nem sempre se estabelece de modo simples; na verdade, pode, muitas vezes, nem mesmo se estabelecer. Rigidamente preso a um modelo, o grupo familiar ou o indivíduo aí inserido provavelmente adoecerá, como se pode constatar nos relacionamentos familiares baseados na pseudomutualidade.

A pseudomutualidade nas relações familiares

Pseudomutualidade é uma palavra que tem o seu significado definido pelos termos pseudo (falso) e mutualidade (reciprocidade), em que se pode ler, então, falsa reciprocidade.

A família pseudomutual estabelece relações baseadas em uma falsa mutualidade, pois em seus relacionamentos não acontecem trocas espontâneas. Ela se comporta como se sua rotina funcionasse bem, e seus problemas cotidianos, mais terríveis ou mal resolvidos, não fossem conduzidos de forma radical, em que todos têm de aceitar o que é imposto. Ao mencionar os estudos de Wynne, Ryckoff e Day, assevera Terzis (1987, p. 276):

Nesse sentido, o importante é estar sempre de acordo quanto ao que se está de acordo; um desacordo sobre o conteúdo da mensagem indica, nessas famílias, a possibilidade de ruptura na relação. Porém, as palavras não têm um sentido informativo, mas, sim, valor relacional que permite à pessoa continuar a viver no seio de sua família.

A comunicação nessas famílias é precária, pois o que se pensa individualmente tem de ceder lugar ao que é entendido por todos. A unanimidade prevalece garantindo a unidade. O filho não pode comentar, esclarecer ou questionar as contradições que porventura venha a perceber. Propõe Tarzis (1987, p. 276-277), a partir do entendimento de Mosher, que

Nesse tipo de comunicação, a identidade individual é sacrificada pelo mito da identidade coletiva, sentida como um bloqueio solidário e não diferenciado, em que o filho se comporta e funciona como se ele e a família fossem uma unidade.

Na pseudomutualidade, diz Bateson et al. (1980), a divergência e a expressão de identidade pessoal suscitam uma tensão percebida como algo que promove enfraquecimento ou mesmo destruição da relação. Logo, sem perceber e reconhecer a identidade dos demais adequada à situação presente, a participação emocional dirige-se mais a cumprir reciprocamente as expectativas do que a perceber aquelas que mudam. A pessoa não tem vida própria, não tem identidade pessoal nem subjetividade, e sua vida se torna vazia, estéril e sem sentido.

Para Bateson et al. (1980), enquanto na pseudomutualidade há um enorme esforço de adequação, que se dá ao preço da diferenciação da identidade, nas relações de genuína mutualidade, cada membro da família encontra espaço para um reconhecimento mútuo da identidade de todos que participam da relação, de suas potencialidades e capacidades.

Observam-se em famílias pseudomutuais, segundo esses autores, certas características que são como uma marca: mesmo que aconteçam mudanças na vida, suas estruturas continuam imutáveis; há grande preocupação para que não existam divergências ou independência entre seus membros; na convivência, não existe espontaneidade, novidade, humor e entusiasmo em sua forma de ser família. Muitas vezes, somente um acontecimento perturbador tira a família dessa estrutura rígida.

Em conformidade com Bateson et al. (1980), quando, nas relações familiares, desdobra-se um esforço persistente com o objetivo de manter a pseudomutualidade, os membros da família tratam de atuar como aquele que poderia ser um sistema social verdadeiramente autossuficiente com um limite que o circunda por completo.

Desse modo o conceito de pseudomutualidade traz uma importante colaboração na compreensão da patologia gerada nas relações interpessoais no seio da família. Segundo Bateson et al. (1980), os membros da família esquizofrênica têm o poder de articular uma diferenciação entre um membro da família e a estrutura de papéis familiares, e tendem a desprezar e obscurecer a ideia dos limites familiares. O limite instável continua, sem aberturas reconhecíveis que rodeiam o sistema familiar esquizofrênico, expandindo-se para incluir o que podem interpretar como complementar e se contraindo para excluir o que interpreta como não complementar. Este limite contínuo, mas elástico, caracteriza o que os autores chamam de um “*cerco de goma*”, que pode ser traduzido por cinturão de borracha. A esquizofrenia exemplifica, em um nível mais acentuado, a rigidez do sistema familiar

pseudomutual. Entretanto, em um nível menos comprometedor, o indivíduo que pertence a uma família pseudomutual geralmente vive isolado, por não se sentir bem se relacionando com outras pessoas.

Assim, as consequências de relações familiares caracterizadas pela pseudomutualidade podem se tornar ainda mais complexas se, além do cinturão de borracha, o indivíduo experimenta a intensidade dos laços invisíveis da lealdade que une todos.

Lealdade familiar: uma contabilização de méritos

A palavra lealdade deriva da língua francesa *loi*, lei em português. Os que estão implicados na lealdade, obedecem às leis, que não são escritas em um documento, mas se estabelecem como forma de expectativas compartilhadas por todos os envolvidos, segundo Boszormenyi-Nagy e Spark (1983).

A lealdade acontece em vários ambientes sociais como nações, grupos religiosos, famílias, grupos de profissionais etc. Estes setores têm seus mitos e lendas, e esperam que seus participantes sejam fieis às suas leis, dizem os autores supracitados.

Segundo Boszormenyi-Nagy e Spark (1983), a lealdade familiar se baseia, de maneira característica, no parentesco biológico e hereditário. A lealdade dentro da família surge de vínculos existentes entre o casal de esposos e parentes consanguíneos, como os filhos. Entre esses membros estabelecem-se compromissos de lealdade que são como “fibras invisíveis” de grande poder de união. Esta união não é de respeito e aceitação, mas de posse ou de manipulação por parte dos que detêm a lei. O indivíduo que não age da forma estabelecida pela família se percebe como um ser em busca de aceitação, amor e reconhecimento por parte dos detentores da lei.

Desse modo, a lealdade, consoante esses autores, proporciona ao indivíduo leal forças psicológicas estruturais que podem exercer coerção sobre ele e reconhecimento consciente de seu interesse por pertencer àquela família; os sentimentos de obrigação e pertinência que os liga são inconscientes. Esta estruturação da lealdade na família se constitui pela história, mitos e justiça de ordem humana, e o que cada membro entende como sendo sua obrigação e a forma de cumpri-la são determinadas emocionalmente.

De acordo com Boszormenyi-Nagy e Spark (1983), enquanto o filho vive, nunca está realmente livre da dívida existencial para com os seus pais e família. Quanto mais digno da confiança deles, mais deve a eles; quanto menos ele tiver que retribuir os benefícios recebidos, maior será a dívida acumulada.

Então, em consonância com Groisman, Lobo e Cavour (2013), baseando-se nos estudos de Stierlin (1981) e de Bowen (1978), uma criança nasce inserida em uma história familiar que compreende várias gerações, das quais recebe uma série de expectativas, delegações ou projeções dos pais, avós e da família extensiva. Assim, associado ao conceito de lealdade e legado, está o de missão familiar.

Como diz Stierlin, associando os dois conceitos: “O elemento nuclear do legado é o vínculo de lealdade que une o “delegante” com o delegado”. Este vínculo funciona nos dois sentidos, já que circularmente o “delegado” representa também fragmentos recebidos – e incorporados – através dos pais, dos avós paternos e maternos. Os pais esperam lealdade dos filhos e estes, como representantes dos avós, cobram lealdades não resolvidas entre os pais e seus pais. (GROISMAN; LOBO; CAVOUR, 2013, p. 36).

Observando a relação entre os membros de uma família, dizem Groisman, Lobo e Cavour (2013), nota-se que, em certa medida, não existem vítimas nem de um lado nem de outro, mas há perdas e ganhos nessa relação, pois os filhos, ao cumprirem a missão a eles designada, comprometem parte da sua individualidade, mas também ganham um lugar especial entre os seus. Assim, permanecem todos presos a uma cadeia geracional, cumprindo o que os outros não cumpriram.

No entanto, para Boszormenyi-Nagy e Spark (1983), de maneira gradual, à medida que os membros da família vão se dando conta de que o aparente algoz – o detentor da lei também foi “vítima” em algum momento, entre eles poderá desenrolar uma visão mais equilibrada de reciprocidade de méritos.

Assim, o aprisionamento que a lealdade traz para o indivíduo, pode gerar-lhe uma dívida que certamente carregará como um fardo em sua vida e, dependendo da posição de nascimento do filho, o peso do fardo pode ser maior ou menor.

Posição dos filhos

Os pais geralmente têm muitas expectativas com relação aos filhos, que variam em função do momento que eles estão vivendo. Essas expectativas também

estão ligadas à posição de nascimento dos filhos, pois este evento pode gerar insegurança e ansiedade, que se aliam a muitas outras questões como, por exemplo, financeiras e profissionais.

No momento em que se inicia uma família, tudo muda na vida do casal. A família nasce com o nascimento do primeiro filho, dizem Groisman, Lobo e Cavour (2013). Uma crise se deflagra, criando um conflito necessário ao crescimento e evolução daquela família nuclear, provocando uma desorganização no sistema, que tem de buscar novas formas de equilíbrio. O filho, disparador da crise, fica na interseção entre as três novas famílias. A cada nascimento a crise se instala novamente.

Assim, o nascimento do primeiro filho é o momento oportuno para a hierarquia familiar se alterar, para as fronteiras geracionais se reestabelecerem e para a contabilização dos débitos e créditos ser reativada. Na transformação de filhos em pais e de pais em avós, gera-se uma desorganização no sistema familiar, exigindo de todos um reposicionamento.

Segundo Groisman, Lobo e Cavour (2013), a posição que cada um tem ao nascer, se primeiro, segundo ou terceiro, também interfere, na construção da matriz familiar, a estrutura responsável pela maneira particular de cada um decodificar o mundo.

Desse modo, tem-se que a posição de nascimento dos filhos, segundo Magalhães (2009), irá colaborar para traços em sua personalidade e características em seu comportamento que o acompanharão em seus estágios de vida, como também pode trazer obstáculos ou facilitar esses estágios.

Em consonância com Terzis (1986), como o primeiro filho não tem irmãos mais velhos, ele não tem os “objetos amorosos auxiliares”, que o ajudariam a superar a falta que sente da mãe em alguns momentos. Funcionando como uma maternidade auxiliar, o irmão mais velho ajuda o mais novo nas difíceis fases de maturação psíquica.

O primogênito, então, desfruta por mais tempo do amor e atenção dos pais, mas por ser o primeiro filho, ele sofre com a inexperiência, com a ansiedade e com a falta de competência dos pais, para lidar com um ser tão indefeso e dependente, diz Magalhães (2009). E, de acordo com o autor, com a chegada do segundo filho, o primogênito será destronado, causando estresse e sentimentos de ciúme e amargura que poderá trazer insegurança em sua vida adulta.

De acordo com Schultz e Schultz (2004), para Alfred Adler, quando nasce o segundo filho, os pais estão menos preocupados e menos ansiosos. O segundo filho não tem a sensação de destronamento dos primogênitos, tem um determinador do ritmo do irmão mais velho, que é seu modelo, ameaça ou fonte de competição. O filho caçula, geralmente se desenvolve mais rápido; em geral, são grandes realizadores no que quer que façam como adultos, ou pode acontecer o contrário, se forem excessivamente mimados.

Já os filhos do meio, como mostra Magalhães (2009), são aqueles que possuem irmãos mais velhos e mais novos. Eles não esperam uma atenção total de seus pais. Geralmente, são indivíduos voltados para dentro de si mesmos, que, às vezes, não percebem o seu papel dentro da família, principalmente quando chega o irmão mais novo. Quando chegam à fase adulta, podem ser menos ansiosos, despreocupados, flexíveis e generosos. O filho do meio faz um contraste com o primogênito no que se refere, à ambição e à rigidez, características do primeiro filho.

Pode-se perceber, assim, como a posição de nascimento de uma criança vai, de certo modo, interferir significativamente em suas relações com todos os familiares e vice-versa.

Assim, o filme *Como água para chocolate*, de Arau (1992), que conta com riqueza de detalhes a história de três gerações de uma família mexicana, foi escolhido para ilustrar os temas apresentados no artigo, quais sejam: pseudomutualidade, lealdade e posição de nascimento dos filhos, com riqueza de detalhes. Com a intenção de possibilitar a compreensão de tais fenômenos a partir da concepção sistêmica de família, o filme vem relatado a seguir.

Como água para chocolate: as relações familiares que podem fazer adoecer

A história contada no filme, dirigido por Alfonso Arau (1992), se passou no México, e foi narrada pela sobrinha-neta de Tita, personagem principal. Ela ia contando os fatos acontecidos na família, através de um livro de receitas-diário da tia-avó.

Em 1895, ocorreu o nascimento de Tita, quando a mãe estava na cozinha cortando cebolas. Dentro do ventre a menina se pôs a chorar, sendo daí empurrada por uma quantidade grande de lágrimas, que, ao secarem, tornaram-se vinte quilos de sal. O parto aconteceu na mesa da cozinha e a parteira foi a

empregada Nacha que embalou Tita em seus braços, com amor, um amor que se estabeleceu entre as duas com mais afinho, a partir do momento que a mãe não mais a amamentou, pois seu leite secou.

Este fato aconteceu no velório do pai de Tita, que, ao comemorar o nascimento de mais uma filha com os amigos, estes dizem que o comentário no lugar é de que sua filha do meio, Gertrudes, seria filha de um homem de nome Mulato. Juan tem um infarto e morre, deixando sua mulher Elena, viúva com três filhas.

A família de Tita era regida por uma lei verbalizada que atravessava gerações: a filha caçula recebia, no nascimento, a missão de cuidar da mãe até a morte, portanto, não poderia se casar (ao menos enquanto a mãe vivesse). Assim, a filha mais nova, Tita, não poderia se casar para tomar conta da mãe até que essa viesse a falecer, perdurando um legado estabelecido pelas gerações anteriores.

Elena se tornou uma pessoa amarga, menosprezando a filha caçula, que era educada na cozinha pela empregada e cozinheira Nacha, no meio de cebolas, comidas e temperos, e alimentada com chás. Nacha sempre conversava com Tita, dizendo que iria torná-la forte e bonita; ensinava-a a cozinhar e a colocar uma cebola na cabeça para não chorar enquanto cortava outras. Vivendo assim, ela cresceu feliz através do amor que Nacha lhe devotava.

Passa o tempo e, em 1910, as três filhas de Elena estão moças. Rosaura é a primogênita, Gertrudes, a filha do meio, e Tita, a caçula.

Em uma festa na casa de Elena, Tita conheceu Pedro. Ela comparava o olhar dele a uma massa de bolo quando entra em contato com o óleo fervente. Pedro se declarou e Tita disse que ia pensar. Jurou amor eterno a ela. Pediu para ela falar com a mãe que ele pediria sua mão. Ao falar com Elena, esta respondeu que Tita não se casaria, mas que ele poderia se casar com Rosaura, que era a filha mais velha. Para ficar perto da mulher amada, Pedro aceitou se casar com Rosaura, mas demorou três meses para concretizar o casamento, engravidando a mulher.

Nasceu um menino, que Tita passou a cuidar, pois a irmã ficou debilitada após o parto. Tita sentia tanto amor por ele, que conseguiu amamentá-lo; os dois criaram um vínculo tão forte, que Elena percebeu e aconselhou o casal a ir embora para viverem em outro lugar.

Tita ficou sozinha com a mãe, pois sua irmã Gertrudes fugiu com um soldado. Ela passou a cuidar de tudo para a mãe e com a mãe, mas esta desqualificava tudo

que a filha fazia. Sua existência era triste, longe de seu amor, das irmãs, e do sobrinho quando então, recebeu a notícia de que ele havia morrido, por não se adaptar com outro alimento, que não fosse seu leite.

Elena não queria que ninguém chorasse, pois tinha trabalho a ser feito. Tita, cansada de obedecer à mãe, gritou com ela e a acusou de ter provocado a morte da criança. Tita foi para o pombal e ficou lá chorando. A criada a encontrou e desceu falando para Elena que a filha estava louca. Tita, então, foi levada para o manicômio pelo médico John Brown, que cuidou dela até se recuperar de uma depressão profunda. A volta à vida aconteceu através da visita de Chancha, empregada da fazenda de Elena.

Tita agradeceu a Chancha, e pediu que falasse com a mãe que estava bem, mas que não voltaria mais para o rancho. John pediu Tita em casamento e ela aceitou. Enquanto isso, sua mãe estava sendo atacada e morta por um bando de federais. Tita voltou para o rancho, para o enterro da mãe, quando descobriu uma chave de uma caixa, lugar onde a mãe guardava seu segredo. Esse segredo fez Tita chorar, pois descobriu que a mãe amara um outro homem, que não era seu pai.

Ao passar pela emoção da morte da mãe, Rosaura teve uma filha prematura. Devido ao enfraquecimento da irmã, Tita cuidou de sua filha, a quem Rosaura queria colocar o nome de Tita, porque esta criança, conforme as palavras de sua mãe Rosaura, não se casaria para cuidar dela, cumprindo o legado familiar. Tita, não aprovando a ideia, pediu que a menina se chamasse Esperança.

Com o passar dos dias, Tita passou a ter visões com a mãe, que a recriava quando lhe aparecia como um fantasma; as visões eram constantes, até que um dia ela desmascarou a mãe dizendo saber de seu segredo. Elena retrucou e Tita disse que era uma pessoa que tinha todo o direito de viver como quisesse. Com estas palavras, a visão da mãe desapareceu para sempre.

Rosaura com ciúmes de Pedro, discutiu com Tita, que falou-lhe, então, francamente sobre como ela havia roubado seu namorado e que a missão delegada pela família de não se casar para cuidar da mãe terminaria com ela própria, pois Esperança não teria sua vida arruinada por uma tradição estúpida.

No ano de 1934, na festa de casamento de Esperança e Alex, filho de John, Tita e Pedro dançavam felizes. Rosaura havia morrido e os dois combinaram de se casar. Depois que todos foram embora, os dois foram para o quarto, onde se encontravam às escondidas. Pedro enfarta e Tita, não suportando a dor, suicida-se.

Relevante destacar que todos os fatos retratados no filme têm como pano de fundo a magia e a alquimia, o que pode ilustrar a aura que envolve os membros de uma família de um modo tal que não conseguem ver com clareza os infortúnios trazidos pelo legado que recebem de seus antepassados, pela pseudomutualidade experimentada nas relações familiares e pela posição de nascimento dos filhos.

Conclusão

A escolha dos fenômenos familiares, aqui, aludidos motiva-se pelo desejo de estudar mais profundamente essas questões, que despertam curiosidade e encantamento, talvez pela complexidade dos assuntos ou pelo espanto ante o que as relações familiares podem causar aos seus membros. Buscou-se referenciar tais estudos na Terapia Familiar Sistêmica por se acreditar que é na família que tudo começa e termina.

As relações familiares são, então, a temática deste artigo. Essas relações baseadas em trocas podem ser sadias e felizes, mas podem ser adoecidas e adoecedoras. Ao ser reconhecida como tal pelos seus membros, a família pode, por si mesma, transformar-se sempre. Mas se não conseguir fazê-lo e se necessitar, de ajuda pode procurar por tratamento, não só para o membro sintomático, que apenas representa circunstancialmente uma disfunção no sistema familiar, mas para a família.

O ser humano ao nascer, depende totalmente dos outros para sobreviver e, às vezes, as pessoas incumbidas desse cuidado nem sempre estão preparadas ou não gostam desse ato. Acabam adotando com, a criança totalmente dependente a indefesas atitudes que o fazem adoecer. Com o entendimento, sistêmico de família a criança deixa de ser a única responsável pelo seu comportamento inadequado eo que ela vivencia em família passa a ganhar expressão. Assim, investigando “seu” comportamento disfuncional no contexto familiar, pode-se não somente compreendê-lo, mas evitar ou minimizar seu adoecimento.

O filme *Como água para chocolate* tem como tema as relações familiares do final do século XIX, início do século XX, e retrata os três assuntos abordados no artigo, respondendo, ilustrando, o que se pergunta neste estudo: a criança pode ser, sim, considerada uma vítima em um contexto de relações familiares pseudomutuais e de forte lealdade familiar, sendo observada, ainda, sua ordem de nascimento.

Como o filme retrata, a filha caçula Tita estava fadada a não construir sua vida própria para cuidar da mãe, até que ela morresse. Não poderia se casar nem ter filhos, seria como uma ama para a mãe. Cumprindo esse legado que estava presente na família há várias gerações, a filha caçula tinha que concordar que não faria parte do seu destino construir um outro tipo de vida que não aquele. Refém de uma relação pseudomutual, sem poder questionar, a personagem foi proibida pela mãe de amar, de ser mãe e de ter uma identidade fora dos mandos dela, até que adquirisse certa autonomia.

Vê-se, assim, que a protagonista do filme realmente foi vítima dessa situação e chegou a adoecer, quando teve um surto, ao saber da morte do sobrinho, momento em que sua mãe também não a amparou. No entanto, não mais criança, a partir desse episódio, descobriu que podia reverter sua condição e mudar sua história.

Pretende-se neste artigo reforçar a importância das relações familiares, naquilo que podem proporcionar de um ambiente aberto, acolhedor e de respeito para com todos, pois cada membro da família é um ser único, mesmo estando sob o mandato familiar. As famílias têm suas regras e suas tradições, que podem e devem ser transmitidas às gerações futuras, desde que não façam sucumbir as pessoas.

Referências

BATESON, Gregory (org.). **Interacion familiar**. Buenos Aires: EBA, 1980.

BOSZORMENYI-NAGY, Ivan; SPARK, Geraldine M. **Lealtades Invisibles**. Buenos Aires: Amorrortu Editora, 1983.

CALIL, Vera Lúcia Lamanno. **Terapia familiar e de casal**. São Paulo: Editora Summus, 1987.

COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE. Direção: Alfonso Arau; Produção: Alfonso Arau, Emília Arau, Óscar Castillo; Fotografia: Emmanuel Lubezki, Steven Bernstein; Roteiro: Laura Esquivel; Montagem: Carlos Bolado, Francisco Chiu; Som direto: Juan Carlos Prieto; Trilha sonora: Leo Brouwer; Produção executiva: ArauFilms Internacional, Instituto Mexicano de Cinematografia (IMCINE), Fondo de Fomento a la Calidad Cinematográfica, Consejo Nacional para la Cultura, y las Artes (Conaculta), Gobiernodel Estado de Coahuila, Aviasca, Fonatur y Secretaría de Turismo (SECTUR); Gênero: drama e romance; Produtora: ArauFilms Internacional; Escenografia: Emílio Mendoza, Ricardo Mendoza y Gonzalo Ceja; Figurino: Carlos Brown; Edição: Francisco Chiu y Carlos Bolado; Maquiagem: Sergio Espinoza; Direção de arte: Ricardo Kaplan; Lançamento: 16 abr. 1992; Local: México; Idioma: Espanhol. DVD, 123 min., sonoridade: Dolby estéreo; Colorido, Eastmancolor;

Áudio:Dolby Digital 2.0 – Espanhol.

GROISMAN, Moises; LOBO, Monica; CAVOUR, Regina.**Histórias Dramáticas:** terapia breve para famílias e terapeutas. Rio de Janeiro: Núcleo-Pesquisas, 2013.

MAGALHÃES, Mauro de Oliveira, 2009. **Relação entre Ordem de Nascimento e Estilos Interpessoais.**Universidade Federal da Bahia. Disponível em: www.centroadleriano.org/publicaciones/ordem. Acesso em: 09 out. 2014.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sidney Ellen. **Teorias da Personalidade.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

TERZIS, Antonios I. (1987). **Constelação familiar e esquizofrenia.** Universidade Católica de Campinas. Disponível em: www.scielo.com.br/pdf/anp/v45n3/07.pdf. Acesso em: 20 ago. 2014.

_____(1986). **Posição ordinal dos filhos, sexo e esquizofrenia.** Universidade Católica de Campinas. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X1986000200006Acesso em: 20 ago. 2014.

WYNNE, Lyman C; Ryekoff, Irving M.; Day, Juliana; Hirsch, Stanley I.Pseudo-mutualidadenlas relaciones familiares de losesquizofrénicos. *In:* BATESON, Gregory (org.). **Interacion Familiar.** Editora Buenos Aires: EBA, 1980.